Carta Pastoral - 2022 (1/3)

OLHAR COM GRATIDÃO O PASSADO

ANNO D.NI MCMXXII

60 anos

CARTA PASTORAL

Olhar com gratidão o Passado

Amados diocesanos, Paz e Bem!

Nos dois anos de preparação ao ***ANO JUBILAR DE NOSSA DIOCESE DE JUAZEIRO*** dirigi-lhes duas cartas pastorais. Tendo em vista os dois primeiros pilares da Igreja-Comunidade Missionária, Palavra e Eucaristia, desejei partilhar-lhes os ensinamentos da Igreja, minhas convicções pessoais e algumas exortações pastorais a partir do chão de nossa realidade diocesana.

Neste ***JUBILEU DE DIAMANTE*** desta Igreja "juazeirense franciscana" somos chamados a re-cordar (trazer de novo ao coração) os sessenta (60) anos de sua caminhada e a firmarmos sempre mais os passos como discípulos missionários de Jesus Cristo neste chão sagrado do sertão baiano. Tendo presente também os outros dois pilares da Igreja – Caridade e Ação Missionária - propomo-nos a dirigir-lhes três cartas pastorais. Nesta primeira o faremos a partir da perspectiva ***"OLHAR COM GRATIDÃO O PASSADO"***, com algumas linhas da história de nossa região anterior ao significativo ano de 1962. No dia 21 de julho, dia da criação de nossa Diocese através da Bula "*Christi Ecclesiae*" (Igreja de Cristo), do Papa São João XXIII, publicaremos uma segunda carta sob o tema ***"VIVER COM PAIXÃO O PRESENTE"***, fazendo memória dos sessenta anos e apontando algumas intuições fundamentais para o nosso tempo Por ocasião do ***CONGRESSO JUBILAR MISSIONÁRIO***, a ser celebrado a 27 de novembro, por sua vez, refletiremos o desafio de ***"ABRAÇAR COM ESPERANÇA O FUTURO"***.

Na perspectiva da fé, a História não é apenas uma sucessão de fatos e acontecimentos, mas manifestação amorosa e ininterrupta de Deus. Ao enviar na plenitude dos tempos o seu Filho, Deus nos oferece a medida e o centro de tudo o que se realiza no tempo. Tudo tem o sabor

e as marcas do que é eterno, belo e essencial, pois tudo encontra seu eixo e seu núcleo em Cristo. Ele é a Palavra que se fez carne e tudo re-vela (tira o véu), tanto sobre o passado anterior à sua vinda quanto sobre o porvir, o futuro. Em outras palavras, Ele é o cumprimento da História realizada e o sentido de tudo o que virá a acontecer.

Assim, Deus fala na História e a partir dela, mas "*sem fazer espetáculo pirotécnico no palco da História*", como bem afirmou um sábio cardeal italiano. Desde o menino frágil reclinado num coxo da gruta de Belém, passando pelo homem das dores humilhado na cruz e o modesto Pão da Eucaristia, somos chamados a perceber que Deus se faz presente, mas não como gostaríamos que fosse, de maneiras espetaculares e extra-ordinárias. Por mais contraditório que pareça, ele se re-vela veladamente, na simplicidade e na discreta manifestação. Como os profetas e crentes de todos os tempos somos chamados a vislumbrar nos fatos e acontecimentos cotidianos os sinais de Deus e no ordinário, a Graça que irrompe entre nossas fragilidades e incoerências. À luz da fé poderemos testemunhar sua presença inegável e permanente nos tempos mensuráveis (crono-lógicos).

Um Povo que Caminha

O chão desse espaço missionário que hoje nos é confiado como discípulos missionários tem uma bela História, marcada por contradições (próprias da condição humana), mas com expressões de

empenho de fidelidade, resistência e ousadia evangélica. Veremos aqui o "preambulo", caminho percorrido por tantos discípulos missionários nos tempos anteriores à criação desta Igreja Particular.

Missionários religiosos

Os primórdios do anúncio do Evangelho nestas terras do sertão baiano (séculos 16 e 17) têm as marcas dos religiosos da Companhia de Jesus, que entraram permanentemente em conflito com os Dias d'Ávila ("Casa da Torre"), "proprietários" e senhores das terras, com seus ambiciosos projetos de avanço pelo sertão com a criação de gado e a busca pelo ouro. Cruzeiros e capelas missionárias foram derrubados e expulsos os jesuítas por aqueles que queriam explorar os nativos e torná-los mão de obra escrava. No final do século XVII e início do século XVIII chegaram os frades menores (franciscanos), que empreenderam missões nos atuais municípios de Juazeiro (Missão de Nossa Senhora das Grotas) e Curaçá (Missão do Pambu), além de outras tantas missões pelo interior da Bahia.

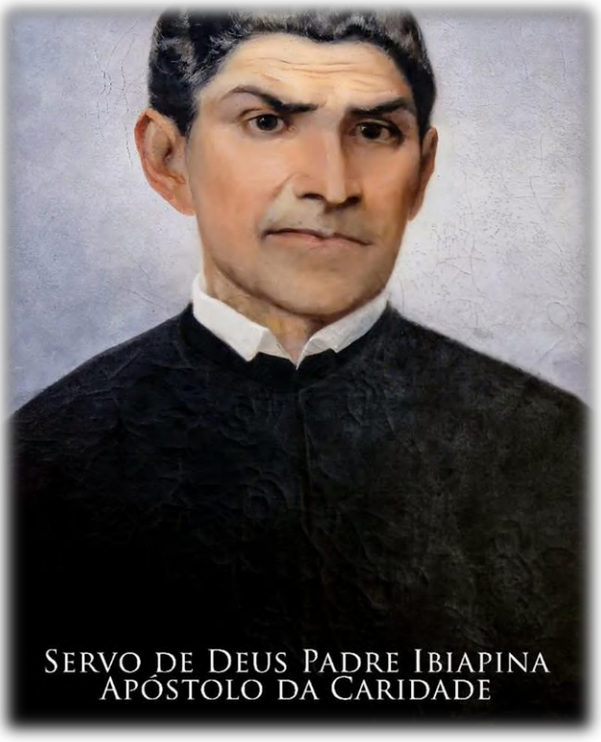
Acontece que em 1706, ano da chegada dos missionários franciscanos, "*um índio foi ao rio, e nas margens do rio, encontrou a sua imagem... às margens do rio São Francisco, no pouso de descanso dos tropeiros, nascia Maria em Juazeiro*". Tal episódio de uma imagem da Virgem portando o Menino Deus encontrada em

uma grota e entregue pelo indígena ao recém-chegado missionário assinalará a presença materna de Maria com um jeito próprio, apresentando Jesus e como que a repetir as suas palavras ao índio Juan Diego no México (Guadalupe): "Não estou eu aqui, que sou sua mãe?"

Segundo documentos da época, nem todos os frades poderiam ser enviados em missão. Existiam critérios e exigências bem ao estilo do que São Francisco de Assis determinara na Regra aos seus irmãos. Considerando a segurança e as facilidades da vida nos conventos edificados no litoral, nas vilas e cidades, constata-se que aqueles que se embrenhavam pelos sertões de então para iniciar aldeamentos missionários e catequisar os povos locais deveriam demonstrar motivações profundas e devotado ardor pela causa do Evangelho e pelos povos nativos. Trocavam as comodidades e tranquilidades das cidades estabelecidas e das casas mantidas com generosas ofertas por um espaço de missão marcado também por atritos com ávidos exploradores, pela precariedade dos recursos e pela infinidade de doenças que a não poucos irmãos dizimaram. Na contradição de estar em parceria (parte do projeto colonial) e outras tantas vezes em atrito com os exploradores, os missionários foram ousados ao colocarem-se em estradas novas ao encontro dos povos e na proximidade com eles, falando sua língua e participando de seu ritmo de vida e subsistência. Além do mais, importa lembrar o que bem afirma o Papa Francisco: "*a proposta cristã, ainda que atravesse períodos obscuros e fraquezas eclesiais, nunca envelhece*" (*Evangelii Gaudium*, 11).

Missionários Padres Diocesanos

Na História da Igreja do Nordeste merece um lugar privilegiado o Padre Ibiapina (+ 1883), padre cearense que se embrenhou pelo interior do sertão nordestino pregando missões populares num estilo marcado pelo fervor missionário e pela



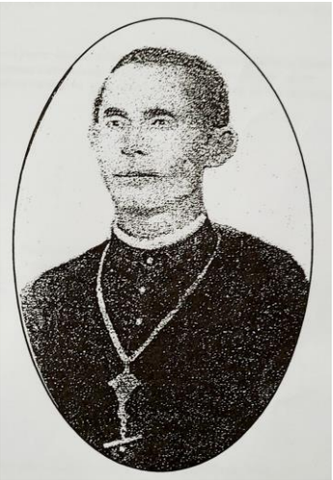
maneira original e inovadora de evangelizar. Foi a partir da consciência acerca dos sofrimentos dos sertanejos, vítimas de epidemias e do descaso dos governantes e "coronéis", que esse sacerdote ordenado aos 47 anos depois de uma trajetória como advogado, juiz de direito e deputado largou as propostas apresentadas para fixar-se em Recife ou Olinda para tornar-se andarilho em meio à caatinga. Durante as entusiasmadas missões do Ceará a Pernambuco envolvia populações locais na criação de uma infraestrutura que favorecesse sua vida com a construções de açudes, dos primeiros hospitais da região, casas para acolher órfãos, além de igrejas e cemitérios. Padre Ibiapina quis evangelizar o Nordeste dentro de sua cultura religiosa tradicional e com recursos locais impregnando convicções e um estilo de vida e missão em muitos outros, padres e leigos. Superou com maestria o modelo dos "Vigários Colados", dos sacerdotes que assumiam em caráter permanente determinada paróquia. A título de exemplo, o primeiro vigário de Juazeiro, Padre Caetano de Araújo Mato Grosso, exerceu essa função desde a criação da Paróquia (1841) até 1885.

Se não temos registros da passagem desse "Apóstolo do Nordeste" por estas terras baianas às margens do Velho Chico, sabemos que por aqui atuaram em missão "discípulos" daquele "Padre-Mestre", naquele inovador estilo de peregrinos incansáveis e com feições regionais no jeito de despertar à fé e evangelizar. Um

primeiro que aqui queremos recordar é o **PADRE HENRIQUE** José Cavalcante (+ 1895).

Se esse cearense da sertaneja Saboeiro abandonou a estabilidade paroquial por volta de 1868, após seis nos de sua ordenação, para dedicar-se à casa de Caridade do Crato (fundada pelo Padre Ibiapina), logo em 1870 partiu para as atividades itinerantes e missionárias pelas comunidades e cidades do sertão. Em Crato foi identificado como "*um sacerdote virtuoso que muito fez pela educação religiosa*" e um cronista da época bem acenou que ele *'tinha dado sua demissão da Casa de Caridade para obedecer a outros chamamentos de Deus em benefício dos povos'*". No atual território de nossa Diocese deixou marcas profundas na memória do povo de seu empenho missionário, das construções conforme as necessidades das populações (em um-tirões) e de sua palavra exigente e eficaz. Igrejas como as das velhas cidades de Pilão Arcado e Remanso (veja nas fotos, respectivamente à esquerda e direita), capelas como as das comunidades de Jiboia (veja na foto com o grupo de pessoas) e São José da Canastra, em Casa

Nova. Além disso, cemitérios e cruzeiros vários marcam sua presença, suas habilidades de arquiteto e de entusiasmante missionário das populações ribeirinhas e da caatinga. Nessas comunidades acima mencionadas eu próprio ouvi diversos testemunhos de episódios e pregações do abnegado e rigoroso missionário que estão bem guardadas na tradição oral de nossa gente. Sua prontidão missionária, sua pedagogia pastoral-missionária e a preocupação social com atenção aos pobres e enfermos de epidemias tantas tornam-no atual e que merece ser mais estudado e conhecido por nós.



Igualmente deveremos apresentar, mesmo que brevemente, o **PADRE MANUEL FÉLIX DE MOURA** (foto acima). Se o Padre Henrique fora o construtor da bela capela do Seminário do Crato, esse sacerdote foi um dos primeiros reitores daquela importante casa de formação para os padres do Cariri cearense. Mas colocou-se na estrada para além de sua terra natal e da estabilidade e como missionário peregrino deixou marcas relevantes no atual município de Curaçá, então chamado Capim Grosso. Aí atuou como pároco de 1905 a 1914, realizando permanentes missões em toda a extensa paróquia (que abrangia também os atuais municípios de Chorrochó e Abaré). Encantado com a Gruta de Patamuté, chegou a morar nela durante anos e foi o iniciador das romarias do dia 01 de novembro ("Dia da Santidade") naquele belo santuário popular. Grande devoto do Sagrado Coração de Jesus, está na memória do povo como solícito com os pobres e sacerdote que *"não adulava ricos"*, com os quais teve diversos conflitos e aos quais dirigiu palavras duras de advertência.

Leigos líderes e Leigos andarilhos

Com a ausência dos missionários religiosos e o número reduzido de sacerdotes para atender às inúmeras comunidades destes sertões até a primeira metade do XX, a vivência da fé e sua animação e conservação contou decisivamente com a presença de leigos e leigas animadores de comunidades e piedosos devotos. Os vigários itinerantes desciam ao longo do São Francisco, muitas vezes adentrando a caatinga, visitavam as comunidades, fazendo aquelas "desobrigas" que alimentaram a vida sacramental do nosso povo. Se em geral esses padres passavam pelos sertões com as raras e distantes visitas, as lideranças leigas sustentavam a fé e as devoções dos irmãos. Foram estes leigos e leigas locais que mantiveram as novenas aos santos, os terços, os benditos, Ofício de Nossa Senhora, enfim, toda piedade popular, como fonte de alimentação e transmissão da fé.

Em terras de nossa Diocese encontramos muitas marcas também, nas expressões de fé e em construções, de um catolicismo itinerante de leigos e leigas, os conhecidos beatos. Se em Riacho Seco, município de Curaçá, temos o Cemitério construído em tempos de missões pregadas pelo cearense Antônio Conselheiro, em Sento Sé, um pequeno centro de romarias próximo à Serra da Quixaba evoca a memória de um certo Beato Lourenço, assassinado naquele local em época não identificável.

Foto original do Movimento popular de Pau de Colher na década de 1930

Merece atenção aqui ao movimento popular de Pau de Colher, município de Casa Nova. Vários historiadores registram que o local recebera as pregações e orações de um peregrino paraibano chamado Severino Tavares, que ali esteve no começo da década de 1930, causando forte impressão nos moradores do lugar. Teve grande aceitação por parte de Senhorinho, um dos proprietários da fazenda Pau de Colher que, quando o beato se foi, passa a reunir-se com outros aos domingos, ocasião em que procedia à leitura da Bíblia e fazia pregações ao estilo da época. A figura carismática de Senhorinho unida à forte religiosidade do sertanejo atraíam mais e mais pessoas que ali chegavam todos os dias buscando livrar-se do sofrimento sob os ditames de coronéis e pretensos senhores de terras. Armavam suas humildes moradias, abraçando um modo de vida de penúria e abnegação, confiantes na promessa de uma nova vida.

Num dos mais dramáticos episódios nesta nossa Região, tropas vindas de Salvador e Recife atacaram a comunidade deixando centenas de mortos, incluindo idosos e crianças, sendo outros muitos órfãos levados à Capital Baiana em condições semelhantes à escravidão. Um episódio trágico que tudo fizerem para tirar da memória da nossa região, mas que a cada ano é recordado com a Romaria realizada a cada 13 de dezembro (veja foto abaixo).

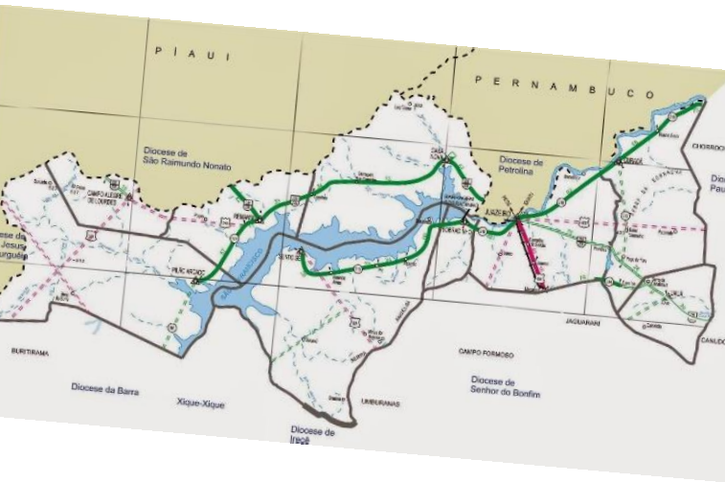
A Diocese de Juazeiro

Esse espaço geográfico a partir de 1913 passou a pertencer à recém-criada Diocese de Barra, desmembrada da Arquidiocese de São Salvador da Bahia. Neste tempo, essa Diocese da Barra possuía dimensões imensas: ia de Pernambuco a Minas Gerais, compreendendo o que são hoje as Dioceses de Juazeiro, Bom Jesus da Lapa, Barreiras e parte da Diocese de Irecê. E justamente quase 50 anos depois o Papa São João XXIII, através da *bula Christi Ecclesia* (Igreja de Cristo), em 21 de julho de 1962, cria a Diocese de Juazeiro. Apenas três meses antes da abertura do Concílio Vaticano II, que suscitou uma renovada primavera na vida da Igreja, o "Papa Bom" olhava com sua solicitude pastoral estas terras ribeirinhas sãofranciscanas. (*Veja na foto abaixo a chegada de Dom Tomás, primeiro Bispo da Diocese de Juazeiro, em 10 de fevereiro de 1963*).

Em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium (n.30)* o Papa Francisco explica que cada Igreja Particular (Diocese), é "*a Igreja encarnada num espaço concreto, dotada de todos os meios de salvação dados por Cristo, mas com um rosto local*". E esse "rosto local" se expressa desde seus primeiros anos a partir da atenção aos tantos rostos da população deste vasto espaço de comunhão e missão. Desde nosso primeiro bispo diocesano, o Missionário redentorista estadunidense Dom Tomás Guilherme Murphy (+1995), a

Igreja de Juazeiro foi se consolidando sobre as sólidas bases da Palavra, da Eucaristia, da caridade e da ação missionária. Em nossa próxima Carta Pastoral faremos memória dessas seis décadas, podendo perceber, assim, quantas luzes para o tempo presente, tão pleno de interpelações e desafios.

+ Beto Breis, ofm



(Mapa da atual configuração da Diocese de Juazeiro/BA, integrando 09 municípios do norte baiano: Juazeiro, Campo Alegre de Lourdes, Casa Nova, Curaçá, Sento Sé, Uauá, Remanso, Sobradinho, Pilão Arcado)